

Domingo, 18 de Março de 1956

RUBEM BRAGA

## DISCOS

CARLOS Ribeiro e Irineu Garcia, da editora de discos «Festa», convidaram um grupo de gente de jornal e poetas para festejar Guilherme de Almeida e Onestaldo de Pennafort. Os dois poetas gravaram alguns versos em LP, e este foi o assunto da alegre feijoada.

Farão bem os poetas em fazer isso que estão fazendo? Bandeira e Drumond, Vinicius e Paulo Mendes Campos, Schmidt e Abgar Renault já fizeram discos também. Que impressão irão ter os leitores e leitoras que não conhecem esses poetas, ao ouvirem seus discos? No caso de Paulo Mendes Campos parece que o disco fascina as leitoras ainda mais que os versos escritos; mas nem todos serão assim, e muito podem ser uma grave desilusão. A mim me convidaram para gravar crônicas; sinto-me um tanto perplexo. Creio escrever com certa clareza, mas falo muito embrulhado, quase tanto quanto o sr. Paulo Sampaio. Está visto que posso caprichar na hora e ler sem comer sílabas e fins de palavras; mas então já não será minha voz.

O problema da prosa, por mais humilde que ela seja, é de algum modo mais complicado que o da poesia. Poesia quase sempre já tem sua toada, ou fácil ou secreta. É verdade que há prosadores capazes de ditar, como Genolino Amado. Eu, porém, gaguejo para ditar um simples reçado; não sou um auditivo; falando, sempre me explico mal.

Crônicas, entretanto, não têm importância alguma perto de poemas. Não apenas os leitores de hoje mas também os do futuro não se sentirão perplexos e infelizes ao ouvirem pela voz do autor um poema que amam? Não imagino sequer como diria Camões o «Alma minha...», mas estou certo de que ia preferir a voz de Antônio Vilar. O «documento» só interessa, afinal, a estudiosos; o que interessa a todos é a poesia, e esta cada um a diz baixinho a seu jeito, e a sente a seu modo. Enfim, resta ao leitor pósteros, e mesmo ao de hoje, uma solução heróica, mas perfeita: quebrar o disco e abrir o livro.